

# O GEÓGRAFO E O ROMANCE: APROXIMAÇÕES COM A CIDADE<sup>1</sup>

*Janaina A. M. Silva MARANDOLA<sup>2</sup>*

## Resumo

No contexto dos estudos Humanistas e Culturais em Geografia, procuramos contribuir para a ampliação das possibilidades de estudo na interface Geografia-Literatura, defendendo os estudos que enfoquem a cidade. Artefato humano por excelência, profundamente comprometido com a Literatura, a cidade moderna produziu e produz inúmeras geografias em forma de romances, que ainda precisam ser melhor exploradas no contexto dos estudos geográficos no Brasil. Esta aproximação pode produzir frutos tanto para a linha de pesquisa Geografia e Literatura, quanto para os estudos urbanos, por acrescentar a lente do artista que vive e escreve sobre a cidade, perscrutando a sua essência e produzindo representações e discursos sobre a cidade e a vida urbana.

**Palavras-chave:** Literatura; Cidade; Geografia Humanista; Geografia Cultural.

## Abstract

### **Geographers and literature: approaches to the city**

In the context of the Cultural and Humanists studies in Geography, we expect to contribute to the enlargement of the possibilities of study in the interface between Geography and Literature, defending the studies that focus the city. Human device for excellence, deeply compromised with Literature, the modern city produced and produces innumerable geographies such as novels, that still they need to be more explored in the context of the geographic studies in Brazil. This approach can contribute to both the studies about Geography and Literature, and the urban ones, adding the artists view, who lives and writes about the city, searching for its essence and producing representations and speeches about the city and the urban life.

**Key-words:** Literature; City; Humanist Geography; Cultural Geography.

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste texto foi apresentada no VI Congresso Brasileiro de Geógrafos, ocorrido em Goiânia, em julho de 2004 (SILVA, 2004a), embasando as discussões do trabalho "Literatura e cidade: uma leitura geográfica da obra de Italo Calvino" (SILVA, 2004b), orientado pela professora Yoshiya Nakagawara Ferreira. Este artigo é uma versão ampliada daquelas discussões.

<sup>2</sup> Geógrafa, Professora da Rede Pública do Estado de São Paulo, Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, Campus de Rio Claro. [janaalenc@yahoo.com.br](mailto:janaalenc@yahoo.com.br).

*"Há coisas que só a literatura, com seus meios específicos, nos pode dar."*

Italo Calvino

## INTRODUÇÃO

Os estudos humanistas e culturais em Geografia, sobretudo a partir da década de 1970, têm trazido à tona outras abordagens para a ciência geográfica. Os geógrafos têm tentado incorporar outras formas de saber às suas análises, como a Religião, a Arte e a percepção das pessoas. Esta Geografia é mais antropocêntrica no sentido de procurar descrever o envolvimento do homem com seu lugar, numa relação orgânica que nos constitui enquanto seres humanos.

Esta abertura para outras formas de saber e para o diálogo interdisciplinar é um esforço relativamente recente nos estudos geográficos. No entanto, estas abordagens acompanham um movimento maior no campo científico do final do século XX e início do XXI.

Estas modificações no quadro geral da ciência incidem direta e indiretamente na Geografia. Desde os anos 1970, os geógrafos têm experimentado novas abordagens e objetos de estudo que têm levado os geógrafos ao diálogo com outras formas de conhecimento. Estas renovações na Geografia ocorrem principalmente em dois de seus campos: a Geografia Humanista e a Geografia Cultural, havendo um esforço recente de integrá-las sob uma única abordagem, como a Abordagem Cultural em Geografia, defendida por Paul Claval (CLAVAL, 2001, 2002).

Para o geógrafo francês, esta abordagem é ampla e pretende transcender as correntes da Geografia. Numa perspectiva histórica do pensamento geográfico, Claval fala que tanto a Geografia Naturalista quanto a Funcionalista, apesar de serem sociais, falam muito pouco do homem. Assim, estes dois enfoques "são igualmente incapazes de fazer sentir e explicar a diversidade dos homens," (CLAVAL, 2002, p.21), pois "os lugares não são vistos, não são sentidos. As pessoas que os ocupam não têm mais consistência do que a das sombras." (CLAVAL, 2002, p.26)

A insatisfação dos pesquisadores com essas leituras, somadas ao quadro da crise dos paradigmas e da influência da Fenomenologia, são as origens desta Abordagem Cultural em Geografia. Neste sentido, os geógrafos buscaram restabelecer as ligações com o indivíduo.

A disciplina se libera do peso que a oprimia. Ela fala do frescor do orvalho, da pureza de certos céus, do cheiro das fogueiras com lenha ou de esterco do qual é impossível escapar quando se percorre a planície do Ganges em dias ensolarados, no inverno. Ela faz descobrir o encantamento das paisagens da estação fria nos vales do norte de Hondo, onde as nevascas acontecem em um ambiente tão calmo que cada objeto, o selim de uma bicicleta, uma pedra no leito de uma torrente ficam cobertos de um chapéu branco totalmente redondo e de aparência surrealista. (CLAVAL, 2002, p.26)

Concomitantemente a esta Abordagem Cultural, que é mais recente, a Geografia tem buscado integrar nesta perspectiva as renovações vindas da Geografia

Humanista desde a década de 1970, como as frutíferas contribuições de Yi-Fu Tuan (TUAN, 1980 e 1983), que tem tido vários seguidores e desdobramentos no Brasil<sup>3</sup>.

Um dos caminhos para esta geografia antropocêntrica, que se abre para o interdisciplinar, para o qualitativo e para a Fenomenologia, numa busca do sensível, da afetividade e dos fenômenos imateriais (FERREIRA e MARANDOLA JR., 2003), tem sido a busca pela relação existente entre a Geografia e a Literatura que, embora não seja algo tão recente, é somente a partir dos estudos humanistas que ganhará força e profundidade.

Estes estudos têm aumentado bastante nos últimos anos, mas, no Brasil, a maioria deles tem focado os romances regionalistas brasileiros, que dão ênfase a situações (cenários) rurais, sendo muitas vezes anteriores à modernidade urbana. Embora existam trabalhos que enfoquem a cidade, eles são poucos entre os geógrafos brasileiros. Acreditamos que um estudo que utilize uma obra literária que represente o viver urbano pode enriquecer tanto os estudos sobre a cidade, como também contribuir para o desenvolvimento da própria linha de investigação sobre Geografia e Literatura, aumentando o leque de possibilidades na compreensão do nosso mundo e de estudos interdisciplinares.

Em vista disso, objetivamos argumentar em favor das possibilidades de estudo da cidade a partir da narrativa ficcional romanesca, sob uma ótica geográfica.

Para isso, iniciamos apontando a importância do estudo da Literatura no âmbito geográfico, fazendo um levantamento das primeiras pesquisas acerca desta linha de investigação, bem como as principais contribuições e abordagens, e finalizamos procurando indicações e possibilidades para o estudo da cidade.

Esperamos com isso poder contribuir para uma visão cada vez mais humanista da Geografia, que não hesita em dialogar com outras formas de saber, principalmente com a Arte e a Literatura, que tanto têm a dizer sobre a realidade do mundo, suas paisagens, cidades, lugares, ambientes e pessoas.

## A GEOGRAFIA NA LITERATURA

Quando se levanta a possibilidade do estudo da Literatura pelo geógrafo, alguns podem perguntar se isso está na sua alçada. Ou ainda, poderão questionar: que relação tem o geógrafo, cientista em busca da verdade, com o romance, obra que está comprometida com a ficção? Porém, é seu aparente descompromisso com a facticidade empírica que faz com que a Literatura possa alcançar níveis de conhecimento que podem estar muitas vezes inacessíveis ao método científico.

Shoko Kimura faz outra pergunta. Ela questiona o que viria a ser um texto geográfico: deveríamos nos pautar pela sua autoria ou considerar o texto em si? Se considerássemos apenas as produções realizadas por geógrafos, muitos textos não seriam geográficos. Como resposta, a autora afirma:

---

<sup>3</sup> Para uma análise detalhada da Geografia Humanista, seu desenvolvimento, principais autores e pressupostos e sua relação com a Fenomenologia, ver o trabalho de Werther Holzer, *A geografia humanista: sua trajetória de 1950 a 1990* (HOLZER, 1992) e o artigo de Oswaldo Bueno Amorim Filho, *A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia* (AMORIM FILHO, 1999). Para uma consideração sobre a Geografia Humanista em relação a Abordagem Cultural de Claval, ver Marandola Jr. (2005a).

Trata-se de uma produção cujo conteúdo manifesta a **espacialidade** da realidade, independente da forma como esse texto foi elaborado [...] A produção literária, independente de sua condição enquanto obra de arte, freqüentemente é portadora daquele caráter geográfico [...] na medida em que constrói uma espacialidade muito expressiva. (KIMURA, 2002, p.131-132)

Esta espacialidade é a manifestação dos fatos geográficos, em sua essência, que possui relação com o sistema político, econômico, cultural e natural. Mais do que isso, o texto literário consegue traduzir muitos dos valores e significados vividos pelas pessoas, individualmente, bem como sua relação com os fenômenos sociais.

A Literatura constitui-se, portanto, num documento que conta, cria e recria um momento espaço-temporal, trazendo elementos para se pensar a sociedade e o espaço que constituam o ambiente do escritor. Neste sentido, "os bons escritores, como testemunhos de seu tempo, captam 'eventos' retratando os aspectos da condição humana que 'tiveram lugar'." (MONTEIRO, 2002, p.86) A Literatura, enquanto portadora destes sentidos e significados, enriquece e complementa a realidade buscada pelo geógrafo.

Marcos Reigota, em seu livro *Ecologistas*, também levanta pontos importantes neste sentido. Ele afirma que a cultura, por ser uma expressão de idéias, experiências e sentimentos, coloca em evidência características da complexidade cotidiana. Assim, é comum encontrarmos nos produtos culturais da atualidade (como textos, músicas, artes plásticas, filmes e romances) diversas referências à problemática ambiental, por exemplo. (REIGOTA, 1999)

O projeto do autor foi o de utilizar fragmentos de discursos científicos, culturais, literários, cotidianos e experiências, numa narrativa que também comunique as representações sociais do grupo d'"as/os ecologistas". A partir de recombinações dos elementos extraídos de tais fragmentos, ele constrói narrativas "[...]" que se caracterizam pela 'memória' disponível sobre os eventos e as suas repercussões "[...]", estando, assim, próximas da ficção. (REIGOTA, 1999, p.79) Segundo o autor, essas narrativas são ficcionais não por serem verdades ou mentiras, mas por serem formas criativas de organizar ou comunicar situações vividas ou imaginadas. "A sua proximidade com a ficção se torna mais imediata e visível, aproximando-se da criatividade, expressão e interpretação artísticas, fazendo com que se distancie da veracidade e legitimidade dos fatos, exigidas e buscadas pelo objetivismo científico." (REIGOTA, 1999, p.80)

Identificamos nestas narrativas, portanto, as referências e representações do ambiente cultural, social e político em que foram concebidas. Estas referências são diretas ou indiretas, passando a fazer parte tanto do cenário político-econômico quanto do cenário artístico-cultural mundial. Em vista disso, através das manifestações culturais, em especial da Literatura, podemos identificar diversos aspectos da realidade do mundo, entre elas, as que se manifestam no espaço ou as que são manifestações de um espaço.

Solange T. de Lima completa estas idéias afirmando que a Literatura seria um veículo "[...]" para a transmissão das mais intensas experiências humanas com o espaço, partilhadas tanto por aqueles que amam a Natureza, como por outros que não sentem nenhum amor por ela." (LIMA, 2000, p.14). A autora chama atenção, portanto, para a dimensão mais orgânica da obra literária. Não é apenas a dinâmica macro que a narrativa revela, mas também os valores dos indivíduos, possibilitando uma visão reveladora da vida, do espaço e dos lugares vividos, por meio da "[...]" variedade de expressões existentes na perspectiva experiencial entre o indivíduo e seu mundo vivido, seu meio ambiente." (LIMA, 2000, p.09)

Esta revelação é tão intensa por combinar na trama fatos objetivos e subjetivos, sem a separação que caracteriza o discurso científico, por exemplo. Lima (2000, p.09) afirma que esta combinação revela uma visão holística da experiência com o espaço, “[...] mais próxima da realidade e do significado da essência da humanização das paisagens geográficas, naturais ou construídas.”

A autora dá ênfase especial à experiência e valorização das paisagens, entendendo-as como portadoras de sentido e como fundamentais na trama romanesca e na interação dos personagens com o espaço. Mais do que isso, através das imagens que os escritores produzem, eles podem influenciar, direta ou indiretamente, “[...] a construção de imagens mentais pelos leitores sobre determinados lugares, paisagens, ou ainda, influenciar suas atitudes e condutas em relação ao meio ambiente [...]” (LIMA, 2000, p.31). Estas imagens, no entanto, não estão limitadas a indivíduos, mas podem atingir toda a sociedade, como no caso de obras de grande repercussão. Nestes casos, as imagens criadas pelos escritores podem penetrar no próprio imaginário social.

A Literatura é, assim, portadora e manifestação da relação social, econômica, política, cultural, simbólica e afetiva do homem com o meio e da sociedade com a natureza.

Mas alguns poderiam se perguntar: qual a validade de se estudar a experiência de personagens ficcionais? Ou o conteúdo geográfico de lugares inventados? E o viver urbano em cidades imaginárias?

Mary Jane P. Spink, no prefácio do já referido livro de Reigota, nos faz pensar essas questões, ao apresentar outras: “O que vem a ser ficção? Não seria ela o resultado de um processo criativo de digestão e recombinação de dados da realidade?” (SPINK, 1999, p.12).

Os personagens ficcionais, em geral, não são criados absolutamente do nada, saindo totalmente da mente de alguém. Em qualquer ficção que for produzida teremos um caráter polifônico, que pode ser entendido como as diversas influências que um escritor traz no seu discurso. “O texto é construído através de uma polifonia inerente, revelando tanto imagens quanto o próprio imaginário urbano em muitas destas referências”. (MARANDOLA JR.; SILVA, 2003, p.261) São os diversos fios que o autor utiliza para tecer seu tecido, ou seja, as experiências do próprio autor, que acabam por determinar o próprio texto (BARTHES, 2002). É justamente a percepção da realidade humana em diversos lugares que constitui uma das fontes para o escritor criar sua ficção.

Entender a linguagem simbólica, as metáforas e as interpretações do ambiente, os esquemas ou possíveis modelos, conscientes ou inconscientes, são algumas das possibilidades da análise da obra literária. Pocock (1981) afirma que um número pequeno de capítulos ou versos têm o poder de criar uma realidade quase infinita. Ou seja, a Literatura consegue ampliar o sentimento do leitor e permite diferentes percepções e interpretações acerca de uma mesma realidade.

Desta forma, na Literatura, além de abrir infinitas possibilidades para as pessoas perceberem a realidade, o modo como o escritor atribui valor às suas descrições, acaba por destacar o espaço em suas obras. Ele consegue, assim, captar o espírito de um lugar, por meio da criatividade e das sensíveis habilidades em descrever determinada paisagem (LIMA, 2000). Estas configuram-se em leituras mais agradáveis do que muitos dos livros tradicionais de Geografia, no sentido de não se limitarem à catalogação de dados, mas de incorporar os fenômenos geográficos ao cotidiano das pessoas.

Este interesse não é tão recente. Há algum tempo os geógrafos têm dedicado atenção à leitura geográfica de obras literárias, tendo em vista que os manuais de

Geografia não eram tão estimulantes e não conseguiam transmitir os conteúdos de forma tão vívida, quanto a Literatura.

Já em 1940, Pierre Monbeig apontava para a necessidade de leituras não-técnicas na Geografia, que poderiam consistir em subsídios preciosos para a compreensão e a visualização dos fatos geográficos. Falando sobre *O estudo geográfico das cidades*, ele afirmou que o perigo para a Geografia era o de ser “desumanizada”,

[...] pois ninguém acreditará ter mostrado o homem quando o apresenta como um rebanho de gado. [...] Antes de escrever, o geógrafo deveria pôr-se em contacto com a literatura, no sentido estrito da palavra, que existe sobre a cidade estudada: os arquivos, as estatísticas, os planos dos urbanistas, não ensinam mais que o passeio das mças no domingo à tarde na praça pública da cidade pequena, ou que as côres, os sons, os odores da grande avenida principal da capital, a multidão dos operários em alvoroço à saída da fábrica e a luz de um belo dia de sol sobre as areias vermelhas e os arranha-céus. (MONBEIG, 1957, p.53)

O estudo das cidades, tão importante para a Geografia Humana que se consolidava, teria que dispor, além de mapas, estatísticas, estudos sociológicos e econômicos, também das descrições literárias, que tão bem falam das cidades. No entanto, Monbeig (1957, p.53-54) assinala que isto não significava abandonar o rigor objetivista, antes, o autor ressaltou que a Geografia poderia tomar emprestado da Literatura “[...] uma certa qualidade de alma a paisagens urbanas e rurais, qualidade que às vezes tem uma necessidade singular de espaço vital [...].”

Outro autor desta época que chamou a atenção para a Literatura foi Fernando Segismundo. Em artigo intitulado *Literatura e Geografia*, de 1949, o autor afirmou que não via motivos para não se incentivar o uso de livros de viagens e de aventuras, como um primeiro passo na “[...] senda fascinante dos conhecimentos geográficos” (SEGISMUNDO, 1949, p.328), afinal, segundo ele, a descrição da paisagem constitui o campo comum da Literatura e da Geografia.

Pouco mais tarde, em 1961, Mauro Mota publicou o livro *Geografia literária*, onde apontou que a Literatura pode ser o caminho, e dos mais sedutores, para a pesquisa geográfica, visto que a linguagem literária pode constituir-se em verdadeiras bibliografias de consulta para o estudo de muitos fatos geográficos. (MOTA, 1961)

Esses estudos só foram possíveis porque sempre houve escritores que, sem a intenção nenhuma de “fazer geografia”, acabaram por registrar em suas obras um tempo específico e também um espaço específico. Orlando Ribeiro mostra isso com *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, “[...] o mais geógrafo dos poetas”. (RIBEIRO, 1989, p.09) Ribeiro afirma que nenhum poeta utilizou-se tanto da Geografia como fonte de inspiração, perfeitamente atento e atualizado aos conhecimentos de sua época. Camões teve o cuidado e o propósito de, antes de relatar os fatos da epopéia lusitana, descrever, com incrível cuidado e minúcia, a geografia das batalhas e das conquistas. Segundo Ribeiro, seus versos são completos e pormenorizados não apenas na geografia, mas também na botânica, na cosmografia e em outras particularidades do ambiente físico.

Entretanto, esses esforços pioneiros detiveram-se apenas no caráter descritivo da Literatura, ou seja, na descrição objetiva que realiza da paisagem, do lugar e do espaço, consistindo em apenas vislumbres do que poderia ser a relação entre Geografia e Literatura.

É somente a partir da década de 1970, com o desenvolvimento da corrente humanista da Geografia, que trouxe novas concepções e novas abordagens à ciência

geográfica, com a valorização da subjetividade nas relações entre o homem e seu ambiente, que os estudos sobre a relação entre Geografia e Literatura se aprofundaram, buscando perspectivas experienciais e perceptivas em obras romanescas.

Em 1974, o geógrafo Yi-Fu Tuan, em seu clássico livro *Topofilia*, foi um dos pioneiros no resgate da necessidade e da possibilidade de se usar a Literatura nos estudos geográficos, tendo em vista que esta, “[...] mais do que os levantamentos das ciências sociais nos fornecem informações detalhadas e minuciosas de como os seres humanos percebem seus mundos.” (TUAN, 1980, p.56) Assim, a Literatura nos traz as particularidades das pessoas em suas culturas e em seus lugares de vivência.

Posteriormente, Tuan aprimorou seus estudos neste assunto, publicando, em 1976, *Literature, Experience and Environmental Knowing* (TUAN, 1976), e em 1978, *Literature and Geography: implications for geographical research* (TUAN, 1978), ensaio editado na importante coletânea *Humanistic Geography: prospects and problems*, primeiro esforço coletivo de sistematização da abordagem humanista em Geografia, organizada por David Ley e Marwyn S. Samuels (LEY; SAMUELS, 1978).

Tuan (1978, p.194) afirma que a relação entre Geografia e Literatura pode ser por meio de três abordagens principais, assentadas sobre os seguintes pressupostos: “Geographical writing should have greater literary quality, literature is a source material for geographers, and literature provides a perspective for how people experience their world.” Entre os geógrafos que seguiram as proposições de Tuan, houve maior preocupação com a segunda e com a terceira destas abordagens.

Neste contexto, a Literatura pode ser de cunho geográfico por abordar temas como espaço, paisagem, lugar, natureza e ambiente, e pode ser uma rica fonte para os estudos geográficos, por representar o mundo de uma forma diferente da que a ciência representa, visto que, enquanto o cientista busca clareza e especificidade, o escritor busca a plenitude, o amplo e a perfeição (TUAN, 1978).

Em 1977, Salter e Lloyd, escrevendo sobre Literatura e Geografia, destacaram a importância da Paisagem na Literatura, objetivando encorajar os geógrafos a considerar a aplicação da Literatura em seus trabalhos. Os autores ressaltam que isso, obviamente, não deve substituir os estudos geográficos tradicionais, mas que a Literatura deve ser um complemento, como uma fonte especial de pesquisa para o estudo da paisagem. Isto porque, segundo os autores, a Literatura tem o poder de falar sobre as imagens essenciais do mundo sem, no entanto, sacrificar a riqueza da experiência humana. “As geographers, we ought to benefit by capturing this power of literature and directing it toward a deeper understanding of the humanized, cultural landscapes of the earth.” (SALTER; LLOYD, 1977, p.76) Os autores direcionam sua abordagem, portanto, para uma visão humanista e cultural da paisagem, não apenas em seus aspectos visuais, descritivos; antes, o que se busca são os significados, os valores e a experiência da paisagem, enquanto parte da história e da geografia de um lugar. A Literatura seria, assim, uma forma de conectar e explorar espaços criados e espaços reais, vividos, em diferentes escalas e níveis de ficção e realidade.

Douglas Pocock foi um dos que procuraram trilhar estes caminhos, editando, na Inglaterra, a coletânea *Humanistic Geography and Literature* (POCOCK, 1981), com os trabalhos de diversos autores britânicos sobre o tema. Na introdução da obra, Pocock deixa clara sua intenção de buscar não apenas as descrições das paisagens, mas sobretudo a **condição humana**, acreditando que a Literatura, que possui o atributo de universal, é assim devido à sua capacidade de expressar a essência do viver e da experiência. Ele justifica assim o estudo da Literatura pelos geógrafos: “[...] literature is universal and speaks to the human condition, it cannot belong exclusively to students of literature. Literature illuminates all, and many disciplines concerned with man make use of its insights.” (POCOCK, 1981, p.09)

Posteriormente, Pocock aprofunda esses estudos no artigo *Geography and literature*, no qual faz também um levantamento dos geógrafos britânicos que pesquisam sobre Geografia e Literatura, desde os precursores até a década de 1980, enfocando as diferentes abordagens que foram sendo utilizadas ao longo do tempo (POCOCK, 1988).

## ESTUDOS E TENDÊNCIAS RECENTES NO BRASIL

No Brasil, tivemos tanto trabalhos vinculados de forma mais direta à abordagem proposta por Tuan, quanto inspirados na proposta de Pocock. Entre os primeiros, destaca-se a abordagem de Livia de Oliveira e de seus orientados, enquanto Carlos Augusto de F. Monteiro é o principal expoente a partir de Pocock. No entanto, nenhum deles seguiu *stricto sensu* as propostas de Tuan ou Pocock. Ambos produziram leituras próprias, principalmente adaptadas aos romances e ao espaço brasileiro.

Livia de Oliveira, pioneira nos estudos de Geografia Humanista e de Percepção do Meio Ambiente no Brasil, faz sua leitura de Geografia vinculada à teoria psicológica de Jean Piaget e ao próprio Tuan (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2003). Assim, ela não apenas estudou a percepção, cognição e afetividade geográfica no sertão rosiano (OLIVEIRA, 2002), como orientou trabalhos (dissertações e teses) sobre diferentes obras regionalistas brasileiras.

Entre os diversos trabalhos orientados por Livia de Oliveira, destacamos dois que exemplificam a abordagem aplicada. A dissertação de mestrado de Solange T. de Lima que, estudando o *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, procurou identificar o lugar e o espaço – conforme trabalhados por Tuan (1983) – com as noções de pausa e movimento. No romance roseano, a pausa é a vereda, enquanto o espaço é o movimento. O confinamento e a liberdade, contrapontos da vida humana explorados pelo escritor, são assim trabalhados pela autora no contexto da percepção geográfica. (LIMA, 1994 e 1997)

Vernaide Wanderley também aborda o sertão, mas pela leitura de Ariano Suassuna, estudando *Pedra do Reino* (WANDERLEY, 1997). A autora busca auxílio teórico na análise do discurso e nas reflexões de Italo Calvino acerca da Literatura (CALVINO, 1990a), produzindo uma leitura original da percepção do sertão vivido de Suassuna. Em trabalho anterior, ela foi além, buscando um diálogo com a antropologia, realizando leituras correlatas com Eugênia Menêzes, numa pesquisa desenvolvida por elas na Fundação Joaquim Nabuco. O resultado foi uma “leitura geo-sócio-antropológica” de três autores que abordam o sertão: Ariano Suassuna, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa. Assim como Lima, os conceitos de espaço e lugar de Tuan receberam destaque, além da percepção do meio ambiente e a paisagem geográfica (WANDERLEY; MENÊZES, 1997a e 1997b).

Outro discípulo de Livia de Oliveira que procurou o diálogo entre Geografia e Literatura foi Lineu Bley. Ele também se utilizou dos mesmos conceitos de Lima e Wanderley, mas, diferentemente delas, buscou focar o espaço urbano. Sua pesquisa foi sobre o espaço vivido do escritor português Eça de Queiroz, cuja obra reflete, através de numerosas imagens, a paisagem urbana de Lisboa. (BLEY, 1997)

Já Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro tem realizado pesquisas por um enfoque diferente, procurando o que chama de “conteúdo geográfico em criações romanescas”. Admitindo ter sido influenciado por Pocock e os ensaios de sua coletânea, Monteiro sentiu a necessidade de transcender o estudo do “lugar” nas obras romanescas.

Para melhor estabelecer os termos da relação Geografia-Literatura [...] acho que toda a urdidura complexa da ação romanesca – a “trama” – proposta pelo escritor, malgrado este dinamismo, pode vir a ser projetada nas malhas de uma estrutura espacial, figurativamente estática – o “mapa” – percebida pelo geógrafo. (MONTEIRO, 2002, p.25)

Esta explicação do título de sua obra, *O mapa e a trama*, onde publicou uma série de estudos sobre diferentes obras romanescas, esclarece o projeto de estudo do autor: o **mapa** significa o contexto estrutural de configuração espaço-temporal (mais do que o lugar) onde acontece o dinamismo da ação, a **trama** criada pelo escritor.

Nesta obra, o autor reuniu ensaios escritos desde o final de década de 1980, mostrando seu percurso e a evolução da própria abordagem. São sete estudos que transitam pela Literatura e pelo espaço brasileiro, por meio de autores como Guimarães Rosa, Aluísio de Azevedo, Graciliano Ramos, Machado de Assis, Graça Aranha, entre outros. Monteiro explora os detalhes da vida cotidiana no cenário sertanejo ou no urbano carioca, procurando, através de diferentes enfoques, revelar o espaço, o tempo, os dramas das personagens, seus lugares e paisagens. Sua leitura é profunda e procura diálogo com a Filosofia, a História e com o próprio processo de formação da sociedade e do espaço brasileiro. Portanto, ao pensar no conteúdo geográfico de criações romanescas, Monteiro acaba por falar do próprio Brasil<sup>4</sup>.

Além destes estudos mais sistemáticos dos geógrafos, cabe mencionar alguns esforços por parte dos estudiosos da Literatura em dialogar com a Geografia. Estes, porém, são relativamente pontuais, e ainda merecerão melhor avaliação por parte dos geógrafos acerca de suas contribuições para a Geografia. Entre estes, podemos citar *O espaço geográfico no romance brasileiro*, fruto de um evento promovido pela Fundação Casa de Jorge Amado, em comemoração dos 55 anos do romance *Suar* desse escritor baiano. O livro contém as cinco conferências proferidas na ocasião, referindo-se ao espaço geográfico em quatro autores regionalistas: Jorge Amado, Guimarães Rosa, Érico Veríssimo e José Lins do Rego; além de uma leitura sobre a natureza na obra de Ferreira de Castro e de Márcio Souza, numa perspectiva espacial muito próxima à dos primeiros geógrafos que levantaram a possibilidade do diálogo entre as duas disciplinas (GROSSMANN et al, 1993).

*Espaço e romance*, de Antonio Dimas, é um livro interessante por considerar o espaço como parte integrante de qualquer romance, como um dos elementos constituintes da própria trama. Ele faz um resgate, na crítica literária, dos autores que evocaram a noção de espaço em suas análises, nacionais ou estrangeiras, avaliando sua profundidade e implicações. Uma contribuição que será tomada por ele como crucial é a diferenciação entre espaço e ambientação: “[...] o espaço é denotado; a ambientação é conotada. O primeiro é patente e explícito; o segundo é subjacente e implícito. O primeiro contém dados da realidade que, numa instância posterior, podem alcançar uma dimensão simbólica.” (DIMAS, 1987, p.20) O espaço, nesta leitura, fica restrito a uma noção timidamente dinâmica, estando mais vinculado ao quadro físico micro (quarto, sala, casa) e macro (cidade, região, país), enquanto a ambientação seria o conjunto dos processos que dariam ao romance a noção de ambiente à trama, qualificando o espaço.

<sup>4</sup> Apesar de se dedicar a vários autores brasileiros, Monteiro dedica uma atenção especial a Guimarães Rosa, participando anualmente da Semana Roseana, realizada em Cordisburgo, Minas Gerais, cidade natal do escritor mineiro. Em vista disso, Monteiro tem produzido seguidos ensaios sobre a obra roseana, contribuindo diretamente na interface Geografia-Literatura, com obras lidas nestes dois campos disciplinares. (MONTEIRO, 1998, 2001, 2002)

Temos também o denso trabalho de Maurice Blanchot, *O espaço literário*, onde o autor investiga o sentido de espaço na literatura, de uma maneira essencial, vinculada diretamente à existência. O espaço literário é o espaço que configura a solidão da obra de arte. Esta solidão é a responsável não apenas pela escrita, mas também pela leitura. Escrever é estar se debatendo neste meio sem fim, de obra em obra, infinitamente. Ler é procurar sentido em algo que não atribui um sentido senão aquele circunscrito à própria essência da obra: “[...] que ela é – e nada mais.” (BLANCHOT, 1987, p.12). O autor nos leva, portanto, à reflexão acerca do significado do escrever, do ler e do próprio sentido da obra literária, pensando no espaço enquanto fundamental na experiência que envolve a criação romanesca.

E, por fim, o livro de Franco Moretti, *Atlas do romance europeu: 1800-1900*, que é um enredo original por trazer as narrativas acerca de lugares e grandes espaços nos romances para uma cartografia objetiva, buscando a sua facticidade. Moretti torna visível o espaço na literatura (o espaço ficcional) e a literatura no espaço (um espaço histórico real). Os mapas literários produzidos pelo autor nos permitem ver duas coisas, basicamente: a natureza espacial das formas literárias (*ortgebunden*<sup>5</sup>), construídas sobre uma geometria peculiar, com suas fronteiras, seus tabus espaciais e rotas favoritas; e “[...] os mapas trazem à luz a lógica *interna* da narrativa: o domínio semiótico em torno do qual um enredo se aglutina e se organiza.” (MORETTI, 2003, p.15).

A intenção do autor não foi elaborar mapas que pudessem ser lidos como um romance, mas mapas que mudassem a maneira como lemos os romances. Assim, Moretti lança um novo olhar sobre a Europa do século XVIII através da obra de Miguel de Cervantes, Balzac, Jane Austen, Charles Dickens, Dostoiévski, Flaubert, Victor Hugo, entre outros, utilizando-se do mapa não como fim, mas como início do trabalho, como motivação e estímulo ao pensar, geográfico ou literário. (MORETTI, 2003)

Como podemos ver, o leque de possibilidades de pesquisa é bastante amplo. Contudo, o que tem acontecido no Brasil, principalmente em virtude das características de grande parte de nossa Literatura, é uma concentração da abordagem geográfica em romances regionalistas, que enfocam sobretudo a realidade natural-agrária, retratando pouco o espaço urbano. Há algumas exceções, como o já citado estudo de Bley (1997) sobre Eça de Queiroz, e os estudos realizados por Monteiro (1996, 2002) sobre as obras *Sobrados e Mucambos*, de Gilberto Freyre, *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto.

As duas temáticas que têm recebido mais atenção por parte dos estudiosos, tanto no Brasil quanto em outros países, são as identidades regionais, vinculadas ao sentido do lugar e à culturas e tradições (WHITTINGTON, 1974; McCLEERY; McCLEERY, 1981; CRAVIDÃO, 1992; McCLEERY, 2004); e as memórias e identidades re-construídas nos processos migratórios, de partida e de chegada (WHITE, 1985; LAGANÁ, 1997; CRAVIDÃO e MARQUES, 2000). Estas tendências possuem eco em outras ciências, como a Sociologia, a Antropologia e a História, evocando elas mais intensos entre os literatas, suas obras e a ciência. Neste sentido, também encontramos abordagens nestas fronteiras, buscando não apenas a “exatidão” das descrições das paisagens, mas também o “conteúdo social”, a descrição do homem, do seu modo de vida e dos processos antro-po-sociais e geográficos que envolvem sua existência (NIEMEYER, 1995; WANDERLEY; MENEZES, 1997a; OLIVEIRA, 2001; ARAÚJO, 2002-2003; SELIGMANN-SILVA, 2003).

<sup>5</sup> Expressão utilizada por Reiner Hausherr, que indica, literalmente, “preso, ligado ou vinculado ao lugar” (MORETTI, 2003, p.15).

Mas uma das vertentes que tem recebido cada vez mais atenção por parte dos geógrafos brasileiros é o uso da Literatura como linguagem para a Educação Geográfica.

Apesar de ainda serem pontuais os esforços, alguns exemplos já começam a aparecer, apontando vários caminhos a serem trilhados. O trabalho de Manoel Fernandes de Souza Neto, por exemplo, apresenta *Oito crônicas para a geografia que se ensina*, que, segundo o autor, foram escritas em ritmo de brincadeira “[...] para tornar mais agradável o ensino de Geografia” (SOUZA NETO, 2000, p.32). A intenção era utilizar as crônicas para falar, utilizando uma linguagem diferente, dos temas das aulas, como geomorfologia, trabalho de campo, ciclo hidrológico, entre outros, procurando “[...] dar leveza ao que aparenta ser pesado.” (SOUZA NETO, 2000, p.36) Sendo, acima de tudo, um convite à Geografia, uma forma de dizer que ela pode ser poética e que pode-se aprender com prazer.

Outro exemplo é o artigo *Caminhos geográficos traçados na literatura: uma leitura didática*, de Shoko Kimura, no qual a autora propõe discutir as possibilidades de um poema enquanto texto geográfico e como isso pode contribuir para o ensino de Geografia. Para isso, Kimura faz uma leitura didática do poema *O Rio*, de João Cabral de Melo Neto, que fala da viagem que faz o Capibaribe, desde sua nascente até o litoral de Pernambuco (KIMURA, 2002).

Além disso, na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, a linguagem literária também tem sido utilizada para a Educação Geográfica. Áurea de C. Marandola e Eduardo Marandola Jr. realizaram uma pesquisa com crianças de cinco a seis anos, utilizando a Literatura Infantil para o aprendizado dos conhecimentos geográficos: “[...] no contato da criança com a literatura, através de conversas com o professor ou mesmo as contações de histórias, ela terá oportunizada a possibilidade de desenvolver sua percepção tanto de espaço quanto de lugar.” (MARANDOLA; MARANDOLA JR., 2002, p.99) O exemplo utilizado é a história do Patinho Feio, partindo da “contação” da história em sala para atividades práticas, enfocando a casa e a escola (lugares) e o trajeto casa-escola (espaço). Os autores defendem assim as possibilidades de re-criar lugares a partir da contação de histórias, utilizando-se de desenhos (mapas mentais) e do próprio processo de re-contação da história feita pelos alunos (MARANDOLA; MARANDOLA JR, 2005).

Outro trabalho nesta linha é a pesquisa de Liz Andréia Giaretta, que abordou *A Literatura Infantil como instrumento pedagógico no ensino de Geografia* (GIARETTA, 2004). O intuito foi apresentar uma proposta metodológico-pedagógica que unisse Geografia e Literatura Infantil para auxiliar na formação do aluno e na prática dos docentes de 1ª a 4ª série. A autora utilizou-se, para isso, da coleção *Retratos de Família*, de Rosaly Braga Chianca e Leonardo Chianca, composta de cinco livros que unem o texto narrativo ao informativo e que possibilitam uma ampla variedade de trabalhos didáticos junto aos alunos, através da representação de paisagens, tanto do espaço urbano quanto rural.

Entendemos que, tanto o estudo da cidade através da Literatura, quanto o uso da linguagem literária para a Educação Geográfica ainda são linhas que têm muito a serem exploradas pelos geógrafos. Além disso, os estudos sobre percepção do ambiente urbano podem encontrar na Literatura uma fonte que pode ser muito enriquecedora para as pesquisas que envolvam os lugares, as paisagens e as percepções cidadinas. Mas para isso, é necessário pensar a cidade e sua relação não apenas com a Geografia, mas também com as produções imaginárias que guiam o homem contemporâneo, seus desejos e anseios.

Na próxima seção, procuramos fazer esta reflexão, reunindo elementos que nos ajudem a pensar teoricamente as relações entre Geografia, Literatura e Cidade.

## CIDADE E LITERATURA

A cidade moderna sempre recebeu tanto críticas quanto elogios, e isso está expresso em diversos romances, que tratam a cidade tanto de forma poética, quanto sombria e desumana, expressando todo seu poder e ao mesmo tempo o sentimento saudosista da tranqüilidade bucólica. Podemos até mesmo dizer que a cidade é uma das principais personagens do romance moderno, visto que, desde o surgimento da cidade moderna, os romances a têm utilizado largamente como palco para seus enredos. Robert M. Pechman, na introdução da obra *Olhares sobre a cidade*, aponta que “[...] os romancistas são os primeiros a se darem conta de que o meio urbano, onde os personagens se movimentam, é o cenário privilegiado para a observação do mundo.” Segundo o autor, romancistas como Poe, Baudelaire, Balzac, Vitor Hugo, entre outros, conseguiram construir e identificar a cidade como um tema, “[...] na medida que é nela que o drama da humanidade está sendo jogado.” (PECHMAN, 1994, p.05). Para Pechman, a cidade é um enigma que, enquanto tal, desafia o artista a decifrá-la, exigindo dele um olhar que vá muito além das descrições e da simples aparência, buscando a alma das ruas. “É, portanto, da alma das ruas que o artista retirará a matéria-prima de sua obra.” O autor aponta, ainda, que toda a Literatura do século XIX, que tenha como palco o espaço urbano, “[...] pode ser resumida como um magnífico esforço de desvendar os mistérios do ser, olhando para a cidade.” (PECHMAN, 1994, p.05). Justamente por procurar a alma da cidade é que a Literatura é capaz de nos revelar aspectos do viver urbano que, por vezes, que não são revelados por meio dos estudos científicos, por exemplo.

Horácio Costa aponta que os autores possuem duas posturas frente à cidade: uma que utiliza determinada cidade, real ou fictícia, como pano de fundo para o desenrolar da trama; e outra que procura construir o espaço urbano procurando fazer uma referência à sua totalidade, ou seja, ao invés de partir de cidades conhecidas, o autor procura criar uma cidade o mais anônima possível, buscando o conceito da “cidade das cidades”. (COSTA, 1999)

Desta forma, temos, no primeiro caso, uma possibilidade de apreensão do viver urbano de determinada cidade, enquanto no segundo, nos é apresentada a experiência de forma mais ampla, pois as personagens não vivem em **uma** cidade específica, mas sim **na** cidade, abstrata, típica e imaginária.

Entretanto, vale ressaltar que estes escritos literários não podem ser encarados como verdade absoluta. Temos sempre que considerar que os autores se utilizam da metáfora, da hipérbole, de simbolismos e da imaginação para criar suas histórias.

Mas então, qual é o sentido da Literatura para o estudo da cidade?

As imagens produzidas na cidade e o imaginário urbano, já têm despertado o interesse de diversos pesquisadores há algum tempo, e diversas das facetas desse imaginário podem ser encontradas nas obras literárias. Um dos sentidos do estudo relacionando a Geografia à Literatura é buscar o sentido da vida, expressa em um ou mais lugares no contexto do desenvolvimento do trabalho ou da existência das pessoas. Neste particular, a cidade, a morada mais expressiva do homem em termos de concentração demográfica e experiência de vida, tem sido muito pouco explorada. Assim, não se pode deixar de considerar a importância das obras literárias que falem da vivência urbana como uma rica fonte para a Geografia.

Da modernidade para a experiência pós-moderna, o homem com vivência na cidade ainda transita entre o rural e o urbano no seu cotidiano. Somente após duas ou três gerações na cidade é que a real experiência urbana passa a compor definitivamente a sua vivência, o seu imaginário e o seu projeto de vida. Esse contexto tem sido muito explorado pela Literatura no âmbito da interpretação das culturas urbanas.

Sendo a civilização urbana uma das condições históricas onde o passado e o presente se realizam, certamente as obras literárias com temas urbanos terão sempre um forte componente geográfico, sociológico e econômico.

Contudo, a busca da cidade, enquanto fenômeno humano, não está restrito à contemporaneidade. Desde o advento da modernidade urbana, cientistas, pensadores, filósofos e escritores têm tentado entendê-la, perseguindo suas pistas.

No contexto dos estudos culturais, Marilene Weinhardt afirma que tem-se dado ênfase aos estudos históricos sem preocupações revisionistas, revisitando a cidade em diferentes momentos, procurando trazer à tona qualquer reconstrução e a consciência de sua condição enquanto constructo histórico. A autora registra ainda que basta um rápido olhar sobre a produção histórica e sociológica contemporânea, para sabermos que tanto a História quanto as Ciências Sociais, já vêm há tempos se debruçando sobre o processo de urbanização do Brasil (WEINHARDT, 2000).

O que esses estudos revelam é que desde o advento da cidade moderna, os indivíduos tendem a estar cada vez mais fragmentados, sem raízes, expostos à violência dessa vida cotidiana impessoal. O literata André Bueno, sustenta que “Desde o seu sentido mais genérico, o termo **alienação** designa muito da experiência urbana, moderna e contemporânea.” Ou seja, as pessoas estão cada vez mais alheias ao mundo que as cerca e acabam por não reconhecer a cidade como sua. Isso acarreta no que o autor chama de “mal-estar na metrópole moderna e contemporânea.” (BUENO, 2000, p.89) Esse mal-estar gera diversas reações do mundo urbano como violência, ruptura de raízes, impessoalidade, empobrecimento da experiência e dos vínculos culturais, afetivos e familiares, o que produz a imagem da metrópole como um “mundo desencantado e sem coração” (BUENO, 2000, p.90), onde o sentido de humanidade está cada vez mais escasso.

Uma amostra do que é esse indivíduo fragmentado nos é apresentada por Tuan, quando aponta que “Nas grandes metrópoles, nenhuma pessoa pode conhecer bem, senão um pequeno fragmento da cena urbana total”. Mesmo tendo esse conhecimento restrito, ele pode prosperar em seu “canto de mundo”, mas, para isso, as pessoas têm uma necessidade psicológica de possuir uma imagem da totalidade para conseguir localizar seu próprio bairro (TUAN, 1980, p.222). Portanto, visto que o tamanho da cidade não o permite conhecê-la em sua plenitude, o indivíduo vive apenas com imagens da cidade para se encontrar, o que colabora para o sentimento de mal-estar sustentado por Bueno.

Podemos apontar como um exemplo disso, a necessidade que cada morador tem de possuir, antes mesmo de um lugar, um território, ou seja, um espaço onde possua influência e controle: “[...] a busca do território, onde você “domine” e sobreviva, é uma necessidade anterior ao lugar, onde há o desenvolvimento de filia ou da estética. Isto é qualidade de vida. A vida, em primeiro lugar. O resto (o lugar) vem depois.” (MARANDOLA JR., 2005b, p.13) Esta busca do território, ou seja, da possibilidade de ter um espaço de vida, onde se consiga a sobrevivência, não apenas dificulta o desenvolvimento das relações afetivas com o lugar, mas também fragmenta a experiência da cidade. A atenção da pessoa se direciona para a funcionalidade e a sua própria vida, ficando apenas com uma perspectiva fragmentária e parcial da cidade.

No entanto, mesmo que não houvesse esta dificuldade, a experiência da cidade moderna é fragmentada em si. “A cidade não pode ser experienciada como um todo, mas ela é uma abstração que só existe através de seus lugares.” (MARANDOLA JR., 2003, p.202) Este é um dos motivos pelos quais a cidade moderna não tem sido apreendida de forma completa pela ciência, que busca apenas o geral, o macro processo e a explicação. Desde a fragmentação das cidades vividas por cada indivíduo,

fruto de sua experiência e da alienação, até as representações e imagens urbanas, a ciência não tem conseguido acompanhar os sentidos e os significados da cidade.

Lucrécia D'Alessio Ferrara, pensando na dimensão imaginária da cidade, aponta a raiz deste descompasso entre a cidade e a sua interpretação:

A tradição cultural e científica insiste em estabelecer o limite entre os campos do imaginário e do real, entre a fantasia e a experiência, entre sentido e imagem. Porém, às vezes, a coerência racional desses limites é sutilmente abalada e produz manifestações iluminadas pela criatividade de algo que parece inesperado e de difícil compreensão no bojo de teorias estabelecidas. (FERRARA, 2000, p.116)

Uma destas manifestações iluminadas pela criatividade, que nos tem revelado muito sobre a cidade moderna e contemporânea, é a Literatura. E sua cumplicidade com a cidade é reafirmada em diferentes contextos, desde o século XIX até hoje.

Jeri Johnson, na virada do século XXI, mostrou esta relação cidade-literatura através do *Ulysses*, de James Joyce, e *The Years*, de Virginia Woolf. Johnson (2002) estuda os efeitos de uma metrópole na vida do indivíduo, por meio das imagens de Dublin e Londres presentes na obra desses dois autores. Tanto Joyce quanto Woolf falam repetidamente em suas obras sobre o espaço urbano da cidade moderna, revelando a profundidade da história e do significado das vidas e produção material das cidades. Estas dimensões são como camadas de sedimentos, que são historicamente colocadas sobre o espaço, produzindo, segundo Johnson, as cidades de Dublin e Londres.

A partir desta análise, Johnson teoriza acerca das representações literárias do urbano, afirmando que, de um lado, temos as cidades da literatura como construções imaginárias, mas que, por outro lado, temos uma literatura tão original e tão exata da cidade que nos permite até mesmo reconstituí-la. Isto resulta em duas posições distintas de possibilidades da cidade para a Literatura: “[...] ‘cities in literature represent something other than themselves’ and ‘cities in literature represent at least themselves’ (or their particular material histories) [...]” (JOHNSON, 2002, p.60)

Temos então, aquelas cidades ficcionais, que podem representar não apenas elas mesmas, mas traços comuns em muitas cidades – como as diversas cidades criadas por Italo Calvino, em *As cidades invisíveis*, por exemplo (CALVINO, 1990b) –, e aquelas cidades que os autores procuram recriar da forma mais real possível – como a Dublin recriada por James Joyce – e que, no mínimo, representam a si própria.

A Literatura nos permite ler uma dimensão especial da cidade: a da experiência e da existência. Gary Bridge e Sophie Watson afirmam: “Cities are so integral to literature shaping the day-to-day lives, feelings, and experiences of characters that many great works of literature almost depend on the city for their existence.” (BRIDGE e WATSON, 2002, p.07). Nesta perspectiva, a Literatura pode carregar também a percepção, o tempo, o espaço, os lugares e as paisagens vividas pelo autor ou compartilhadas na sociedade e na história.

Em Geografia, esta leitura tem sido realizada muitas vezes através das chamadas representações do espaço. Estas têm a ambição de tratar o texto literário enquanto portador de significados espaciais decorrentes da relação sujeito-objeto e do contexto simbólico em que o autor e o leitor estão inseridos. Ana Regina V. R. Bastos teceu algumas reflexões sobre esta relação entre Literatura e a representação do espaço:

Primeiro: através do romance, uma forma específica de representação do espaço geográfico se coloca, de acordo com a ótica e as vivências do autor. Segundo: o que o leitor do romance apreende já é uma outra forma de representação do espaço geográfico, que resulta da interação entre a imagem espacial herdada pelo leitor, segundo suas vivências e informações, e o que é representado pelo autor. (BASTOS, 1998, p.55)

A representação é considerada um elemento discursivo contextual, que existe representando o real, não o refletindo. Enquanto representação, traz uma imagem do espaço, mas só se realiza no encontro com o sujeito: a sociedade, em geral, e o leitor, em particular.

Em vista disso, a representação do espaço geográfico precisa ser contextualizada historicamente, “[...] já que no espaço a ser apreendido o homem somente tem acesso ao real através dos discursos que constroem as noções de realidade, **num dado momento.**” (BASTOS, 1998, p.61) A autora chama atenção para a necessidade de uma teoria que amarre o simbolismo e os discursos presentes nas representações com as conotações espaciais, unindo no resultado apreendido a relação natureza-sociedade.

Esta abordagem vai além de situar os lugares fictícios ou reais em que se desenvolvem a ação e o comportamento das personagens. Bastos (1998, p.63) mostra que é necessário buscar o “[...] significado novo que brota do espaço a partir da manipulação da palavra, ou melhor, do discurso que leva em conta os pontos de vista do autor e do leitor, segundo suas vivências e experiências [...]”. É necessário, além disso, transcender a noção do espaço apenas como ambiente ou meio físico descrito, procurando, como vimos nas abordagens de Monteiro (2002) e Oliveira (2002), interpretá-lo tanto como conjunto de relações socio-históricas e espaciais, quanto como ambiente significado e central na relação homem-meio.

Mas a representação da cidade contida no romance tem sido trabalhada também por outras ciências, além da Geografia. A historiadora Sandra Jatthy Pesavento, por exemplo, publicou uma extensa obra sobre o imaginário das cidades de Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre, através das visões literárias sobre essas cidades. A autora trabalha a cidade a partir de suas representações literárias. “Tal procedimento implica pensar a literatura como uma leitura específica do urbano, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, às suas ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidades que nesse espaço têm lugar.” (PESAVENTO, 1999, p.10)

A autora defende ainda a idéia de que existe uma “cidade de pedra” e uma “cidade de pensamento”. A cidade de pedra seria a realidade material, a cidade construída pelos homens e que é criada e recriada através dos tempos. Sobre essa cidade é que se exercita o olhar literário, que a reconstrói sob a forma de um texto. “O escritor, como espectador privilegiado do social, exerce a sua sensibilidade para criar uma cidade do pensamento, traduzida em palavras e figurações mentais imagéticas do espaço urbano e de seus atores.” Tem-se, portanto, uma cidade de pensamento, baseada nas imagens da cidade de pedra. “A literatura, ao ‘dizer a cidade’, condensa a experiência do vivido na expressão de uma sensibilidade feita texto”. (PESAVENTO, 1999, p.10)

No entanto, as obras literárias não são fruto apenas da mente do escritor. Essas representações revelam as diversas influências que ele traz no seu discurso, voluntária e involuntariamente. Este é um dos aspectos da polifonia, conforme apontado anteriormente, a qual se refere às experiências do próprio autor, seu conhecimento, leituras e influências que acabam por desenhar o seu texto. (MARANDOLA JR.; SILVA,

2003). As representações e o imaginário da “cidade de pensamento” são fruto, portanto, de uma interação contínua entre a polifonia inerente ao discurso do autor e a intertextualidade, que reflete a rede de relações de sentido entre o texto literário e os outros textos urbanos. (MARANDOLA JR.; SILVA, 2004)

Buscar a Cidade na Literatura, portanto, não é apenas buscar um conceito geográfico. Implica o encontro de experiências, culturas, lugares, histórias e pessoas. Implica o resgate do sentido holístico da geograficidade e a plena abrangência da condição humana na sociedade contemporânea. E é por isso que estes percursos devem ser trilhados de forma dialogada, num esforço de conectar conhecimentos, disciplinas e mundos.

## **GEOGRAFIA, LITERATURA E CIDADE: POSSIBILIDADES**

Geografia, Literatura e Cidade: que caminhos a relação destes três elementos pode nos apontar?

Em primeiro lugar, a Literatura pode trazer contribuições ao estudo geográfico. Desde a descrição das paisagens e ambientes naturais, passando pela representação da dinâmica social e do tempo histórico, a Literatura já tem servido de fonte documental e de análise para os estudos geográficos. Contudo, como vimos, incorporar a estes estudos obras que descrevam e representem a cidade, poderá trazer uma nova dimensão a esta linha de investigação, por incorporar elementos da atual sociedade brasileira, urbana e moderna, revelando muitos de seus problemas, sonhos, anseios e identidade.

Por outro lado, tanto estudos culturais quanto humanistas podem beneficiar-se das representações literárias, tão repletas de valores, sentidos, significados, historicidade e geograficidade. Não apenas como fonte documental, mas também como possibilidade de re-criação de mundos e de abertura de leituras possíveis da realidade, a Literatura, assim como outras manifestações artísticas (entre elas, destacando-se o cinema) têm amplas possibilidades imagéticas em nossa sociedade atual, não apenas representando visões de mundo, mas também criando e transformando as já existentes. Para os estudos geográficos, acompanhar estas transformações não é apenas desejável, mas sobretudo necessário para compreender o mundo e o espaço atuais.

Quanto ao estudo da cidade, percebemos que a Literatura abre um leque de oportunidades para ampliar nossa capacidade interpretativa. Os estudos científicos não conseguem revelar a experiência da cidade, o significado do habitat habitado ou os pontos de vista da percepção de sua paisagem, como o faz o escritor em sua narrativa. Neste sentido, a Literatura constitui-se numa representação profunda das relações mais íntimas dos processos, do imaginário e das experiências urbanas. Por outro lado, os lugares e os laços que as pessoas estabelecem com a cidade também são dificilmente acessíveis ao pesquisador que, com seus métodos, não pode detectar o que a Literatura, de forma tão envolvente, revela.

No entanto, há muitos campos ainda a se explorar. As contribuições feitas pelos literatas têm sido pouco incorporadas às discussões dos geógrafos, ocorrendo o mesmo no sentido inverso. Travar um diálogo mais estreito com os estudos literários pode enriquecer a capacidade dos geógrafos de realizar leituras e interpretações das obras, enriquecendo e refinando este horizonte de investigação.

Por outro lado, outro aspecto que ainda merece atenção, diretamente relacionada à prática geográfica, diz respeito às possibilidades que as obras literárias têm

enquanto linguagem para o ensino, desde a educação infantil até o ensino superior. Embora de certa forma utilizada no cotidiano dos professores, ainda precisamos avançar no estudo das implicações e conseqüências da utilização desta linguagem na Educação Geográfica. Enquanto representação reveladora do mundo, a Literatura tem a capacidade de atingir os alunos por outra via, acessando sua afetividade, percepção e imaginação. Além de estudos teóricos e empíricos, precisamos ampliar os estilos e formas literárias, tentando inclusive dialogar com outras linguagens, como o Cinema, a Fotografia, entre outros.

As possibilidades de estudo são inúmeras e o universo que se abre ao geógrafo é igualmente vasto. Explorar estes mundos poderá nos trazer alento e revelação no tempo atual, enquanto permanecemos à mercê de estruturas dominantes e de práticas sociais "incivilizadas". Voltar-se para a Literatura neste tempo não é uma forma de escapismo; antes, é a busca pela própria natureza humana, onde ela está melhor representada, na esperança de compreender o significado do viver urbano e da experiência humana nas cidades.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, Oswaldo B. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v.11, n.21 e 22, p.67-87, jan./dez. 1999.
- ARAÚJO, Regina. Do sertão aos pampas: o território na literatura nacional no século XX. **Terra Brasilis**, Rio de Janeiro, Anos III-IV, ns.4-5, p.45-66, 2002-2003.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. (trad. J. Guinsburg) 3ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. 78p.
- BASTOS, Ana R. V. R. Espaço e Literatura: algumas reflexões teóricas. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, NEPEC, n.5, p. 55-66, jan./jun. 1998.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. (trad. Álvaro Cabral) Rio de Janeiro: Rocco, 1987. 278p.
- BLEY, Lineu. A imagem de Lisboa na obra de Eça de Queiroz. **Geografia**, Rio Claro, v.22, n.2, p.41-56, out. 1997.
- BRIDGE, Gary e WATSON, Sophie. Introduction: reading city imagination. In: \_\_\_\_\_. (eds.) **City reader**. Oxford: Blackwell, 2002. p.03-10.
- BUENO, André. Sinais da cidade: forma literária e vida cotidiana. In: LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo C. (orgs.) **O imaginário da cidade**. Brasília: Ed. UnB, 2000. p.89-110.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. (trad. Ivo Cardoso) São Paulo: Cia. das Letras, 1990a. 141p.
- \_\_\_\_\_. **As cidades invisíveis**. (trad. Diogo Mainardi) São Paulo: Cia. das Letras, 1990b. 150p.
- CLAVAL, Paul. **Épistémologie de la géographie: comprendre le monde tel que les hommes le vivent à travers les paysages, les patrimoines et la confrontation des cultures**. Paris: Nathan, 2001. 266p.
- \_\_\_\_\_. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. (trad. Nathalie Dessartre-Mendonça) In: MENDONÇA, Francisco de A.; KOSEL, Salette T. (orgs.) **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. p.11-43.

COSTA, Horácio. Alegorias da desconstrução urbana: *The memoirs of a survivor*, de Doris Lessing, e *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. In: BERRINI, Beatriz. (org.) **José Saramago: uma homenagem**. São Paulo: EDUC, 1999. p.127-148.

CRAVIDÃO, Fernanda D. Ficção, espaço e sociedade: notas para uma leitura geográfica e social da obra de Alves Redol - *Avieiros*. **Cadernos de Geografia**, Coimbra, n.11, p.37-47, 1992.

CRAVIDÃO, Fernanda D. e MARQUES, Marco. Literatura e Geografia: outras viagens, outros territórios. *EMIGRANTES* de Ferreira de Castro. **Cadernos de Geografia**, Coimbra, n.19, p.23-27, 2000.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. 2ed. São Paulo: Ática, 1987. 77p.

FERRARA, Lucrecia D'A. **Os significados urbanos**. São Paulo: Edusp, 2000. 185p.

FERREIRA, Yoshiya N. e MARANDOLA JR., Eduardo. O sensível e a afetividade nas fronteiras do saber: sobre a imaterialidade dos fenômenos geográficos. **Olam: Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, v.3, n.1, set. 2003. [CD-ROM]

GIARETTA, Liz A. **A Literatura Infantil como instrumento pedagógico no ensino de Geografia**. 2004. 123p. Monografia (Especialização em Ensino de Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

GROSSMANN, Judith; MALARD, Letícia; CARVALHAL, Tania F.; CASTELLO, José A. e HATOUM, Milton. **O espaço geográfico no romance brasileiro**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993. 122p.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista: sua trajetória de 1950 a 1990**. 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

JOHNSON, Jeri. Literary geography: Joyce, Woolf and the city. In: BRIDGE, Gary; WATSON, Sophie (eds.) **City reader**. Oxford: Blackwell, 2002. p.60-70.

KIMURA, Shoko. Caminhos geográficos traçados na literatura: uma leitura didática. **Geografia & Ensino**, Belo Horizonte, v.8, n.1, p.131-139, jan./dez. 2002.

LAGANÁ, Lilliana. Imagem e memória no espaço do retorno: viagem à Sicília com Elio Vittorini. In: RODRIGUES, Adyr B. (org.) **Turismo. Modernidade. Globalização**. São Paulo: Hucitec, 1997. p.155-160.

LEY, David e SAMUELS, Marwyn S. (eds.) **Humanistic Geography: prospects and problems**. Chicago: Maaroufa Press, 1978. 337p.

LIMA, Solange T. de. **A percepção geográfica da paisagem dos gerais no Grande Sertão: Veredas**. 1994. 201p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

\_\_\_\_\_. Percepção ambiental e literatura: espaço e lugar no *Grande Sertão: Veredas*. In: DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Livia de (orgs.) **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1997. p.153-172.

\_\_\_\_\_. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem. **Geosul**, Florianópolis, v.15, n.30, p.07-33, jul./dez. 2000.

MARANDOLA, Aurea da C. e MARANDOLA JR., Eduardo. Geografia, Literatura e Educação Infantil. In: MARANDOLA JR., Eduardo; FUSCALDO, Wladimir C.; FERREIRA, Yoshiya N. (orgs.) **Geografia, Ciência e Filosofia: interdisciplinaridade e interfaces de conhecimento**. Londrina: Edições Humanidades, 2002. p.97-100.

\_\_\_\_\_. Conversando e contando histórias, re-criando lugares: Geografia, Literatura e Educação Infantil. **Revista Criança**, Brasília, MEC, n.38, p.13-16, jan. 2005.

MARANDOLA JR., Eduardo. **"Londrinas" invisíveis**: percorrendo cidades imaginárias. 2003. 242p. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

\_\_\_\_\_. Humanismo e a Abordagem Cultural em Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 393-420, 2005a.

\_\_\_\_\_. Mapeando "londrinas": imaginário e experiência urbana. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE – SINPEC, 1, 2005, Londrina. **Anais**. Londrina: LPUR/DEGEO/UUEL, 2005b. [CD-ROM]

MARANDOLA JR., Eduardo e GRATÃO, Lúcia H. B. Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. **Geografia: Revista do Departamento de Geociências**, Londrina, v.12, n.2, p.04-19, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.geo.uel.br/revista>>.

MARANDOLA JR., Eduardo e SILVA, Janaina A. M. Crônica e cidade: o estudo geográfico das imagens e do imaginário urbano. **Scientific Journal**, v.7, Edição Especial, p.259-261, 276, 2003.

\_\_\_\_\_. A cidade na "pena" do cronista: geograficidade e texto. **GeoUERJ**, Rio de Janeiro, 2004. [no prelo]

McCLEERY, Alison. e McCLEERY, A. Personality of place in the urban regional novel. **Scottish Geographical Magazine**, v.97, p.66-77, 1981.

McCLEERY, Alison. So many Glasgows: from 'personality of place' to 'positionality in space and time'. **Scottish Geographical Journal**, v.120, ns.1-2, p.3-18, 2004.

MONBEIG, Pierre. O estudo geográfico das cidades. In: \_\_\_\_\_. **Novos estudos de Geografia Humana brasileira**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957 [1940]. p.33-77.

MONTEIRO, Carlos A. de F. O significante "ambiental" em Sobrados e Mucambos. In: FONSECA, Edson N. (org.) **Sobrados e mucambos**: entendimento e interpretação. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 1996. p.67-114.

\_\_\_\_\_. **O real e o mítico na paisagem do Grande Sertão**. Texto apresentado na X Semana Roseana, realizada em Cordisburgo, MG, em julho de 1998. 13p. [inédito]

\_\_\_\_\_. **A mensagem geográfica n' "O Recado do Morro"**. Texto básico de apoio à série de três palestras ministradas num curso inserido na programação da XIII Semana Roseana, realizada em Cordisburgo, MG, em julho de 2001. 44p. [inédito]

\_\_\_\_\_. Do mutum ao Buriti Bom: travessia de Miuilim. **Geografia: Revista do Depto. de Geociências**, Londrina, v.11, n.1, p.5-26, jan./jun. 2002.

\_\_\_\_\_. **O mapa e a trama**: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002. 242p.

MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu**: 1880-1900. (trad. Sandra G. Vasconcelos) São Paulo: Boitempo, 2003. 215p.

MOTA, Mauro. **Geografia literária**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

OLIVEIRA, Livia de. Sertão Rosiano: percepção, cognição e afetividade geográfica. **Scripta**, Belo Horizonte, v.5, n.10, p.234-242, 1º sem. 2002.

OLIVEIRA, Selma V. de. A geopoiesia de Euclides da Cunha. **Ciência Geográfica**, Bauru, Ano VII, v. III, n.20, p.61-65, set./dez. 2001.

NIEMEYER, Ana M. de. Para além da paisagem: uma leitura antropológica do espaço em *Vidas Secas*. In: MESQUITA, Zilá e BRANDÃO, Carlos R. (orgs.) **Territórios do cotidiano**: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1995. p.178-190.

PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999. 393p.

PECHMAN, Robert Moses. Olhares sobre a cidade. In: \_\_\_\_\_. (org.) **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994. p.03-08.

POCOCK. Douglas. (ed.) **Humanistic Geography and Literature**: essays on the experience of place. London: Croon Holm Ltda., 1981. 224p.

\_\_\_\_\_. Geography and literature. **Progress in Human Geography**, v.12, n.1, p.85-102, mar. 1988.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999. 211p.

RIBEIRO, Orlando. Camões e a Geografia. In: \_\_\_\_\_. **Opúsculos geográficos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, II volume, 1989. p.09-50.

SALTER, C. L. e LLOYD, W. L. Landscape in Literature. In: \_\_\_\_\_. **Resource Paper for College Geography**, Washington, Association American Geographers, p.76-83, 1977.

SEGISMUNDO, Fernando. Literatura e Geografia. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, n.76, p.327-332, jul. 1949.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.) **História, memória, literatura**: o testemunho da Era das Catástrofes. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003. 555p.

SILVA, Janaina A. M. Geografia, literatura e o estudo da cidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6, 2004, Goiânia. **Anais e Contribuições Científicas**. Goiânia: AGB, 2004a. [CD-ROM] Disponível em <<http://www.cibergeo.org/agbnacional>>.

\_\_\_\_\_. **Literatura e cidade**: uma leitura geográfica da obra de Italo Calvino. 2004b. 100p. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SOUSA NETO, Manoel F. Oito crônicas para a Geografia que se ensina. **Ciência Geográfica**, Bauru, Ano VI, v.III, n.17, p.32-36, set./dez. 2000.

SPINK Mary J. P. Prefácio. In: REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999. p.09-12.

TUAN, Yi-Fu. Literature, experience and environmental knowing. In: MOORE, G. T.; GOLLEDGE, R. G. (eds.) **Environmental knowing**: theories, research and methods. Stroudsburg: Dowden, Hutchinson and Ross, 1976. p.260-272.

\_\_\_\_\_. Literature and Geography: implications for geographical research. In: LEY, David; SAMUELS, Marwyn S. **Humanistic Geography**: prospects and problems. Chicago: Maaroufa Press, 1978. p.194-206.

\_\_\_\_\_. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (trad. Livia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1980. 288p.

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. (trad. Livia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1983. 249p.

WANDERLEY, Vernaide. **A pedra do reino**: sertão vivido de Ariano Suassuna. 1997. 173p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

WANDERLEY, Vernaide M. e MENEZES, Eugênia. **Viagem ao Sertão brasileiro**: leitura geo-sócio-antropológica de Ariano Suassuna, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa. Recife: CEPE/FUNDARPE, 1997a. 205p.

\_\_\_\_\_. Do espaço ao lugar: uma viagem ao sertão brasileiro. In: DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Livia de (orgs.) **Percepção ambiental**: a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel, 1997b. p.173-184.

WEINHARDT, Marilene. Revisitação ficcional à cidadela literária. In: LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo C. (orgs.) **O imaginário da cidade**. Brasília: Ed. UnB, 2000. p.67-87.

WHITE, Paul. On the use of creative literature in migration study. **Area**, v.17, n.4, p.277-283, 1985.

WHITTINGTON, G. W. The regionalism of Lewis Grassic Gibbon. **Scottish Geographical Magazine**, n.90, p.75-84, 1974.

Recebido em agosto de 2005

Aceito em outubro de 2005